

Velhices não reduzidas

Simone Spadafora

A velhice definida apenas como fenômeno biológico e natural, que acontece a todos os seres vivos, restringe e define de forma parcial e simplista o processo do envelhecimento. Tal visão marca a velhice como etapa da vida geradora de declínio irreversível, tanto físico quanto mental, em consequência da passagem do tempo, perspectiva encontrada em grande parte da literatura médica geriátrica. Tal perspectiva não leva em conta situações pessoais, sociais, culturais que são diferentemente vividas nas várias sociedades, e mesmo dentro de cada uma, refletindo de formas distintas em cada corpo. Escutar a velhice sem a complexidade que a envolve, apenas pelas características físico-biológicas, é dar a ela uma visão muito restrita, como já nos alertava o pensador Edgar Morin, ao assinalar que:

Aprendemos muito bem a separar. Separamos um objeto de seu ambiente, isolamos um objeto em relação ao observador que observa. Nosso pensamento é disjuntivo e, além disso, redutor: buscamos a explicação de um todo através da constituição de suas partes. Queremos eliminar o problema da complexidade. Este é um obstáculo profundo, pois obedece à fixação de uma forma de pensamento que se impõe em nossa mente desde a infância que se desenvolve na escola, na universidade e se incrusta na especialização: e o mundo dos *experts* e dos especialistas maneja cada vez mais nossas sociedades. (1996, p.275).

O pensamento redutor disjuntivo e parcial, não analisa de forma ampla a velhice que se mostra como fenômeno multifacetado, com fatores biológicos atravessados por situações socioculturais e históricas diversas. Essa diversidade indica a existência de uma pluralidade de formas de viver a vida pelos assim denominados *velhos*, revela a heterogeneidade da velhice, evidenciando-a como uma situação complexa. A velhice localiza-se em uma história e insere-se num sistema de relações sociais compondo de forma variável a *velhice biológica*.

A perspectiva da complexidade, assinalada por Morin, leva à compreensão da totalidade não somente como a soma das partes, mas mais do que isso. O autor argumenta que “a idéia que destrói toda tentativa reducionista de explicação é que o todo tem uma quantidade de propriedades e qualidades que não têm as partes quando estão separadas”. Pois, de acordo com Morin, “o todo é mais do que a soma das partes. Mas, ao mesmo tempo, é menor que a soma das partes, porque a organização de um todo impõe construções e inibições às partes que o formam, que já não tem tal liberdade (1996, p.280)”. O que parece simples de entender: pois se a “totalidade é a não verdade”, então o “todo está na parte, que está no todo”. O autor esclarece que podemos

em um mesmo movimento produtor de conhecimento “enriquecer o conhecimento das partes pelo todo e do todo pelas partes” (1996, p.107).

Essa concepção, necessária para se ampliar o pensamento reducionista das ciências biológicas em relação à velhice, norteou a pergunta “O que considera positivo na sua velhice?”, realizada em 2010 e a partir de entrevistas abertas a 26 pessoas idosas, com idades entre 60 e 77 anos, sendo 21 mulheres e 5 homens, todas frequentadoras da Associação São Joaquim de Apoio à Maturidade, uma instituição voltada ao idoso, localizada na região metropolitana de São Paulo.

O positivo da velhice

Embora este texto não tenha a pretensão de falar de identidades, as pessoas acima de 60 anos são vistas pela sociedade como um grupo social que tem em comum um contexto histórico e tecnológico e que, portanto, são identificadas muitas vezes como um grupo homogêneo. Mesmo sendo muito diferentes ainda assim são classificados a partir da categoria identidade. Octávio Ianni, em seu texto “Imagem e Semelhança”, afirma que:

É necessário fazer um largo giro, até descobrir a perspectiva do outro. Quem inventa a etnia, raça, grupo ou pessoa, subordinado, discriminados, subalterno, alienado, é o outro (...). A condição singular de cada um, em sua diferença, diversidade, alteridade, originalidade, constitui-se na trama das relações sociais de dependência recíproca, reciprocidade, cumplicidade, cooperação, divisão social do trabalho, alienação, fetichismo, antagonismo. (1987, p.10).

A existência do outro, da alteridade, é essencial para a expressão de uma identidade pessoal ou social, o “eu” contrastando com o “outro”. As qualidades atribuídas aos velhos, muitas vezes a partir do envelhecimento apenas na perspectiva biológica, definem o seu perfil identitário e, como tal, são estigmatizadoras, pejorativas e opostas à juventude, pois sempre estão em relação à atividade, produtividade, beleza, força e memória, tendo o jovem como referência de ideário de vida. Mercadante (1997) em sua tese de doutorado observou que os velhos conhecem, reproduzem e até partilham dessa ideologia que define o velho em geral, mas não eles mesmos, uma vez que não se sentem incluídos no grande modelo ideológico, porque: - “velho é o outro”; - “velho é para o outro”.

A visão de um corpo imperfeito, enfraquecido e em declínio não avalia só o corpo, sugere ampliar-se para a personalidade, papel social, econômico e cultural da pessoa. A idéia do tempo passa a ser fundamental e limitadora para investimentos presentes e projeções futuras. A não-perspectiva de futuro para os mais velhos é uma questão histórica e cultural, mas nem todas as sociedades negam o futuro aos velhos.

As falas de nossos entrevistados indicam a noção do tempo que passa, declinando o corpo, levando-os a criar modelos de identidade que se contrapõem à categoria genérica de velho. Surge assim outro velho, não em contraposição à uma alteridade jovem, mas na produção de uma “subjetividade” negadora da identidade estigma, como podemos observar nos depoimentos a seguir, quando indagados sobre os aspectos positivos da velhice.

Agora, considero positivo na minha velhice a vida, conhecendo novas pessoas, que passaram a ser novos amigos. (M.S, 60a)

Saúde, felicidade da família, ter paz. Muita alegria. (E.M, 66a)

Muita saúde, muito sossego, paz com a família e com os estranhos. Também passear bastante, curtir os netos...só isso que eu quero. (I.S, 66a)

Graças a Deus cheguei até aqui, no aprendizado da vida. Estamos sempre aprendendo. Positivo na velhice é também estar aprendendo e partilhando as experiências. (B.O, 60a)

A ausência de ansiedade, a compreensão entre as pessoas que supostamente já sofreram com as agruras da vida, a receptividade das pessoas, as alternativas cada vez maiores para levar a velhice com dignidade, a descoberta de possibilidades que pareciam não existir... (C.P, 62a)

Para mim o positivo na velhice é o máximo de experiência adquirida! É já estar com uma certa idade e ter saúde para presenciar tantas mudanças, tantas coisas novas. (M.P, 75a)

Antes eu achava que a velhice deixava a gente pra baixo, hoje vejo que pode ser cheia de vontade de viver. (M.S, 74a)

Minha velhice é a fase mais séria da minha vida, onde acumulo experiência, prudência, certo saber e reflexão, apesar de ser um processo natural do ser humano. Cabe a cada um a escolha de ser velho ou não, independente da idade que se tem. Eu escolhi viver da melhor forma possível. No meu caso, a minha velhice é positiva porque sou feliz e isso mantém meu espírito sempre jovem. (N.B, 69a)

Além de uma carga de experiência, está sendo positivo desfrutar a vida com liberdade, uma vez que a lucidez me dá esse direito. Tenho a saúde relativamente boa (alguns problemas físicos da idade), o que não me impede a vida socialmente ativa. (J.M, 64ª)

Embora muito atribulado na mocidade devido à pobreza, considero essa parte da minha vivência bem positiva. Muita renda é boa, os filhos criados e com saúde. (J, J, 69a)

Ter conseguido me aposentar... (B.S, 61a)

Tudo! Não tenho queixa de nada. (T.S, 68a)

*Tudo! Muitas coisas que eu achei que não iria alcançar...estou conseguindo.
Só não faço mais porque não sei ler direito, mas com a minha sabedoria eu
consigo resolver minhas coisas sozinha. (C.M, 69a)*

No entanto, observamos que para alguns, a velhice ainda não chegou...

Eu não me considero velha, velho é aquele morto de espírito... (F.O, 61a)

Que a velhice venha com muita saúde e alegria... (S.S, 66a)

Para outros, a velhice continua uma positiva “batalha”...

*Eu considero positivo na minha velhice a fé, tenho atitude e acredito em tudo
que quero. Sinto-me preparada para todas as barreiras da vida. (A.S, 65a)*

*Estou vivendo uma velhice saudável. Tenho muita disposição para fazer meus
deveres. (M.S, 66a)*

As entrevistas trouxeram, na fala dos sujeitos, temas abordados nos estudos do envelhecimento: o envelhecimento ativo ou passivo, a família, a avosidade, a saúde (ainda como um conceito apenas biológico), a socialização, o “sossego”, os desejos, a resignação, o aprendizado... A percepção variável do tempo cronológico dentro do tempo kairós, o tempo vivido, de cada sujeito!

Os depoimentos traduzem a complexidade, singularidade e subjetividade da velhice. Percebem-se possibilidades, realizações e aprendizados plurais nos convidando a envelhecer além do medo das incapacidades e das perdas tão enfatizadas pelas ciências biológicas para essa fase da vida.

Referências

- IANNI, O. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- MERCADANTE, E.F. *A Construção da Identidade e da Subjetividade do Idoso*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -PUC/SP,1997.
- MORIN, E. “Epistemologia da Complexidade”. In: SCHNITMAN, Dora Fried (org.). *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1996.

Simone Spadafora - Biomédica, mestranda em Gerontologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP. E-mail: si.spadafora@gmail.com